

O monumento do Caladinho (Redondo, Évora):

Estudo preliminar de um sepulcro megalítico no Redondo

Rui Mataloto¹
Leonor Rocha²

1. Motivações de uma intervenção

Nos finais do século passado o monumento do Caladinho sofreu uma espoliação metódica que lhe afectou cerca de metade da câmara. Desta acção resultou um crescente problema de conservação que conduziu a uma inclinação de dois dos seus ortóstatos.

Tendo em conta a importância científica do sítio decidiram, a autarquia do Redondo e o Instituto Português de Arqueologia, conjugar esforços no sentido de proceder a uma intervenção de emergência no local. Esta escavação, que pretendia ser breve, visava por um lado recuperar a estrutura do monumento e, por outro, tentar caracterizar a sua utilização, que julgávamos fortemente afectada.

2. Identificação, implantação e inserção paisagística

A primeira referência conhecida ao monumento do Caladinho surge na Carta Geológica 36-D de 1986, resumindo-se à sua

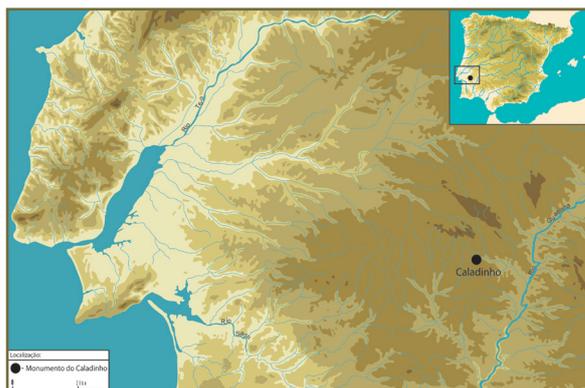


Fig. 1 – Localização do monumento do Caladinho.

localização. Por outro lado, obtivemos a informação de que havia já sido visitada por diversos investigadores regionais, nomeadamente Caetano Mello Beirão e Jorge de Oliveira. Desta visita poderá ter resultado a informação disponível na base de dados de sítios arqueológicos Endovélico, com o

1 - UNIARQ/Câmara Municipal de Redondo

2- Instituto Português de Arqueologia – Extensão do Crato

CNS3132, onde aparece referenciado com o topónimo Courelas da Quebradinha, e é classificado como anta. Todavia, a primeira publicação com a descrição do monumento, apenas se verificou em 2001, na Carta Arqueológica de Redondo (Calado e Mataloto, 2001), onde surge referido como tholos do Caladinho.

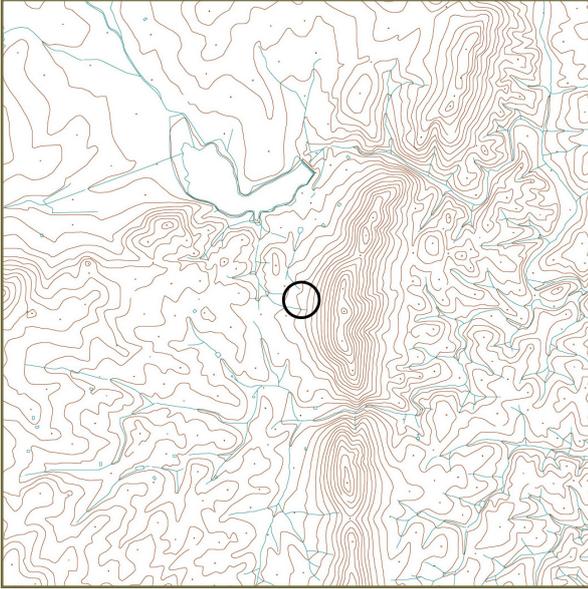


Fig. 2 – Localização do monumento do Caladinho.



Fig. 3 – Enquadramento paisagístico do monumento do quadrante Poente (em cima) e de Sul (em baixo).

O monumento do Caladinho localiza-se no concelho do Redondo, distrito de Évora, a menos de três quilómetros a NE da vila. Implanta-se numa pequena rechã, na vertente poente de uma crista rochosa, de acentuado desenvolvimento N-S, que delimita, a nascente, a planície central do Redondo (v. Fig. 1 e 2).

A sua localização, a meia encosta, confere-lhe algum destaque visual, sendo facilmente identificável a vários quilómetros e em particular para quem se deslocava no caminho natural que margina o sopé da serra d'Ossa (v Fig. 3). Assim, não deve ser despicienda a escolha deste local enquanto factor de destaque do monumento, como um verdadeiro marcador de paisagem, não somente enquanto construção humana visível, mas igualmente como elemento significativo na estruturação simbólica do espaço, a que também não seria alheia a proximidade de um conjunto de grandes afloramentos soerguidos no topo da crista, junto da qual se edificou. Na realidade, é possível que esta composição paisagística tenha permanecido como um elemento diferenciado e estruturante da paisagem mental das comunidades que ocuparam este território, assumindo-se, pela sua individualidade fisiográfica, como um marcador de paisagem e um palimpsesto de memórias colectivas e individuais, constituindo um verdadeiro espaço de identidade territorial.

Porém, não se julgue este enquadramento paisagístico como uma realidade à margem, antes pelo contrário, foi frequentemente um espaço vivido e trabalhado. De facto, as formações rochosas que hoje conhecemos nos cerros sobranceiros ao monumento em estudo, são o resultado de fenómenos geológicos, usadas e adaptadas, ao longo dos milénios, quer pelas ocupações de longo espectro (calcolítica e romana republicana, na extremidade da crista, e, provavelmente, da Idade do Bronze, no cerro sobranceiro ao sítio em estudo), quer por acções de carácter episódico (pastores, salteadores, etc.).

Por outro lado, as ditas formações geológicas foram acolhendo histórias de eremitas e Mouras encantadas, tendo uma destas dado origem ao micro-topónimo “Casinha do Alfaiate”, mas também de bandoleiros e marginais, estas com algum fundo de verdade, atendendo à documentação local dos finais da primeira metade do séc. XIX, em particular após o término do período das Guerras Cívicas.

Este é, também, um espaço na margem de um território, na transição entre as férteis planícies que marginam, pelo lado Sul, a serra d'Ossa e o ondulado dos cerros que envolvem o curso da Ribeira do Luceférit. De certo modo, pode-se assumir como um espaço de transição entre o território organizado e domesticado e um outro muito menos acessível, de solos esqueléticos, onde rareava, tal como hoje, a ocupação. Talvez a necrópole do Lucas, escassos quilómetros a nascente (Calado, 1993), seja disso um sinal pela concentração rara e desconcertante de pequenas tumulações numa pequena área, junto de um caminho natural de transitabilidade Este-Oeste.

3. Prioridades e estratégias de abordagem

Como se referiu anteriormente, o objectivo desta intervenção era avaliar e tentar recuperar o máximo de informação possível do monumento:

1. Verificar e avaliar o grau de violação ocorrido no monumento;

2. Proceder à escavação integral da câmara e corredor;
4. Sondar a estrutura tumular, na área do corredor e do ortóstato que se encontra caído, com vista à sua caracterização;
5. Analisar a arquitectura e o espólio com vista a uma definição cronológico-cultural do monumento

Assim sendo, procedemos, em primeiro lugar, à implantação de uma quadrícula axializada, por razões de economia de tempo, com o eixo maior do monumento, genericamente orientado a Sudeste (v. Fig. 4). A intervenção tem-se revelado mais morosa do que se supunha inicialmente devido, sobretudo, aos escassos meios humanos e técnicos envolvidos.

Como a abordagem ao sítio não visava, numa primeira fase, o seu estudo integral, mas sim a sua consolidação e salvaguarda da informação arqueológica, procedeu-se em desde logo à escavação da câmara, removendo as unidades estratigráficas naturais na ordem inversa da sua deposição, excepto as resultantes do preenchimento da vala de violação já mencionada, de modo a evitarmos uma maior fragilização do monumento. Ainda na câmara, deixámos em reserva uma pequena área em que se apoiava o único esteio tombado. Assim que se reuniram as condições para o levantamento do mesmo procedeu-se à escavação da dita área.

Focámo-nos, posteriormente, na análise do espaço do corredor, onde ainda continuam os trabalhos, tendo-nos deparado com uma realidade mais complexa, que parece ter afectado esta estrutura, possivelmente ainda durante a Idade do Bronze. Sob os vestígios desta ocupação detectaram-se ainda claros indícios da primeira utilização do monumento.



Fig. 4 – Vista geral do monumento no início da intervenção

Após a limpeza inicial da câmara ficaram visíveis frequentes pedras de xisto e de quartzo, misturadas com terra solta. A sua escavação veio demonstrar que se encontrava muito revolvada nas camadas superficiais, aparecendo os materiais arqueológicos muito fragmentados, sobretudo as placas de xisto, que nalguns casos parecem ter sido intencionalmente fracturadas.

Apesar dos sucessivos revolvimentos provocados pela abertura de tocas foi possível registar, em profundidade, a presença de realidades estratigráficas e artefactuais aparentemente "in situ" e em bom estado de conservação, quer na área da câmara quer no corredor. As maiores perturbações foram registadas, principalmente, junto aos esteios. No seu conjunto, a estratigrafia apresentava-se relativamente homogénea, revelando sempre Unidades pouco compactas, cascalhentas, de tonalidade clara, que embalavam frequentes pedras de xisto e quartzo de pequeno e médio calibre.

A intervenção no corredor permitiu identificar duas áreas com processos tafonómicos distintos, uma junto à entrada da câmara, que parece razoavelmente inalterada, tendo-se detectado uma estrutura possivelmente de fecho, sobre a qual se depositou um pequeno recipiente já da Idade do Bronze; a outra área correspondente ao restante corredor, onde a estratigrafia apresentava características distintas, nomeadamente abundante pedra solta disposta na horizontal (restos de possíveis pavimentos?), para além de frequente cerâmica muito fragmentada, de difícil caracterização face à escassez de bordos. Os esteios do lado Sul são de pequenas dimensões, partidos, faltando pelo menos um; do lado Norte a situação era pior uma vez que os esteios se encontram amputados quase pela base, registando-se a ausência de mais, dois ou três.

4. Aspectos arquitectónicos de um monumento pouco convencional

O monumento do Caladinho é constituído por uma câmara subcircular de sete ortóstatos de grandes dimensões, em xisto, provavelmente local, de que faltam, aparentemente dois, um de cada lado do esteio de cabeceira.

O corredor parece ter sido curto, tendo-se identificado seis



Fig. 5 – Vista geral do monumento do Caladinho

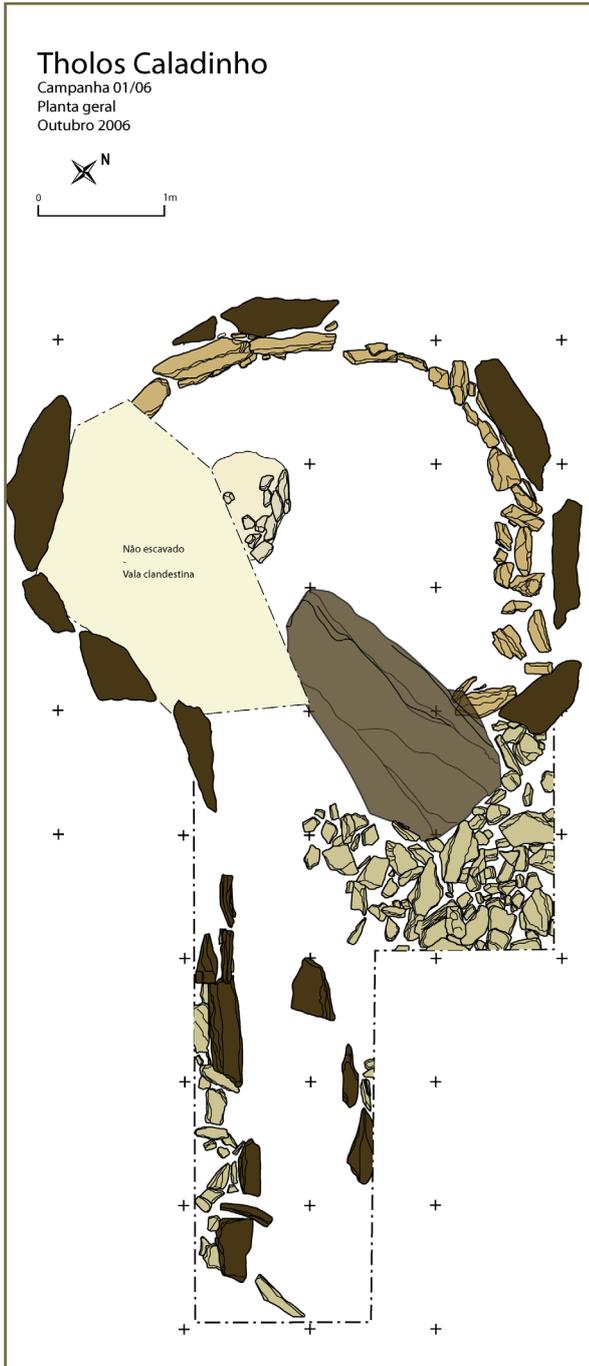


Fig. 6 – Planta geral dos calços interiores dos esteios e área sondada da mamoa

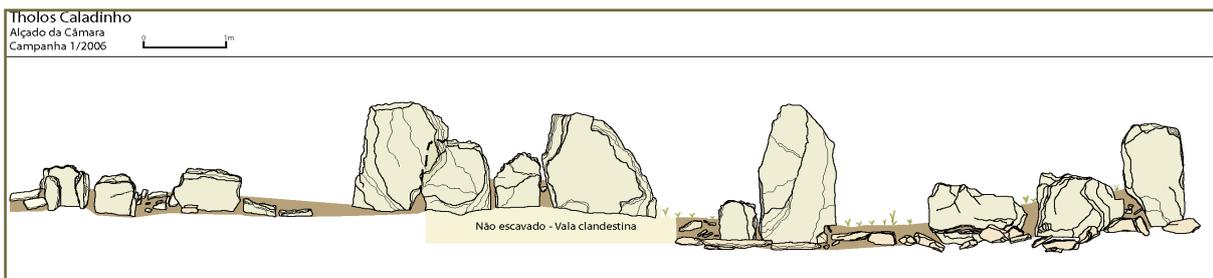


Fig. 7 – Alçado do monumento do Caladinho

pequenos esteios do lado Sul, e apenas três do lado Norte (v. Fig. 6).

A construção foi efectivada directamente sobre o substrato rochoso, que evidencia alguns traços de aplanamento, o que poderá indicar uma preparação prévia do terreno para a implantação dos ortóstatos. Na base da câmara, e axializada com o corredor, detectou-se uma pequena depressão escavada no substrato, que se encontrava aparentemente estruturada com pedras de xisto, quartzo e granito dispostas em cutelo.

Foi ainda possível verificar que os esteios se apresentavam bastante bem contrafortados pelo interior, com pedras de xisto, de médio e grande calibre, dispostas horizontalmente e em cutelo, perfazendo uma auréola que acompanhava todo o limite interior da câmara (v. Fig. 6).

A mamoa, na área sondada, apresentava-se com lajes de xisto de pequena e média dimensão, dispostas na horizontal de forma cuidada e bastante bem estruturada. Junto do esteio tombado, pelo exterior, verificou-se a presença de pequenas lajes em cutelo, que lhe estruturavam a base (v. Fig. 6).

Não cremos tratar-se de um assunto simples enquadrar tipologicamente este monumento e, se o designamos de tholos, tal se deve, ao facto de assim ter sido designado primeiramente (Calado e Mataloto, 2001). Por um lado, se atendermos à relação dimensão dos ortóstatos/ diâmetro da câmara esta não nos parece susceptível de comportar uma tampa de grandes dimensões; por outro lado, a existência de inúmeros fragmentos de xisto, dispersos pela área, a existência de uma depressão estruturada no centro da câmara e de uma mamoa bem estruturada com lajes de xisto, parecem apontar para a existência de uma estrutura de falsa cúpula, entretanto desaparecida.

Todavia, julgamos que a questão da arquitectura deste monumento (e de outros deste tipo) é complexa, não exclusivamente por si, mas principalmente pela diversidade arquitectónica das construções que se têm englobado na designação única de tholos. É ainda certo que a presença de grandes ortóstatos não é a regra no revestimento das câmaras dos monumentos melhor conhecidos na região, e mesmo fora dela, caso dos tholoi da OP2, Farisoa e Comenda, em Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1999; Leisner e Leisner, 1981). Usualmente estão presentes apenas lajes de revestimento da câmara, sem qualquer função de sustentação do conjunto arquitectónico.

Deste modo, julgamos que o monumento do Caladinho po-

derá integrar-se num tipo híbrido em termos arquitectónicos, talvez na sequência de outros, como o monumento 1 de Vale Rodrigo (Leisner e Leisner, 1959), que associa uma câmara ortostática de nove esteios a uma estrutura de falsa cúpula, ou ainda dos recentemente identificados no povoado dos Perdigões, que conjugam uma câmara revestida de grandes lajes e um corredor ortostático (Valera, et al., 2000:19). Deste modo, talvez fosse conveniente procurarmos outras designações, que não anta ou tholos, para estes monumentos ortostáticos de cobertura indeterminada.

5. Um monumento, dois momentos: continuidades funcionais e simbólicas?

O espólio identificado neste monumento documenta, pelo menos, dois momentos de utilização como espaço sepulcral pré-histórico. Eventualmente poderá ter conhecido uma outra ocupação de características distintas no tramo inicial do corredor, precisamente na zona em que se encontra mais desmantelado.

A primeira ocupação detectada deverá corresponder ao momento inicial da utilização do monumento, revelada por um conjunto de materiais diverso, mas bastante homogéneo. É sempre necessário, contudo, estarmos atentos ao facto de se ter apenas escavado uma parte da câmara do monumento e não o seu todo. O espólio parece concentrar-se na câmara, ainda que o corredor tenha igualmente proporcionado um importante número de vestígios, especialmente na área de transição para a câmara, onde se encontrava menos per-

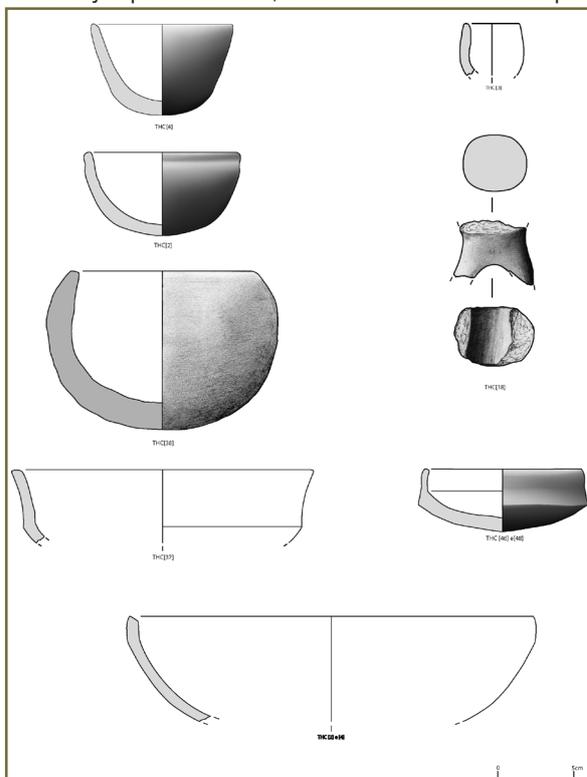


Fig. 8 – Conjunto cerâmico recolhido na câmara e corredor do monumento do Caladinho

turbado por ocupações posteriores. O conjunto artefactual desta fase é relativamente escasso, e bastante fragmentado, tendo sido recuperado apenas um recipiente cerâmico completo e uma placa de xisto igualmente completa.

Recolheu-se ainda um conjunto de pequenos recipientes cerâmicos que permitiam a reconstituição da forma, mas apenas um se encontrava completo (v. Fig. 8). Para além destes registou-se um número não muito elevado de pequenos fragmentos de cerâmica manual, cuja natureza e origem não é fácil destrinçar, podendo ser originários das terras da mamoa.

Se o conjunto cerâmico não era muito alargado, já o conjunto lítico se encontrava melhor representado, particularmente por pequenas contas de colar, cerca de meia centena, inúmeros fragmentos de placa de xisto, que se encontravam na sua maioria bastante estilhaçados. Nesta categoria, para além de uma única placa completa, com uma decoração quadriculada bastante tosca, recolheram-se diversos fragmentos que sugerem, com alguma certeza, a presença de um número avultado de placas, com gramáticas decorativas bastante variadas. Para além destas, recolheu-se ainda um fragmento de um báculo, decorado, que deveria pertencer a um exemplar de consideráveis dimensões.

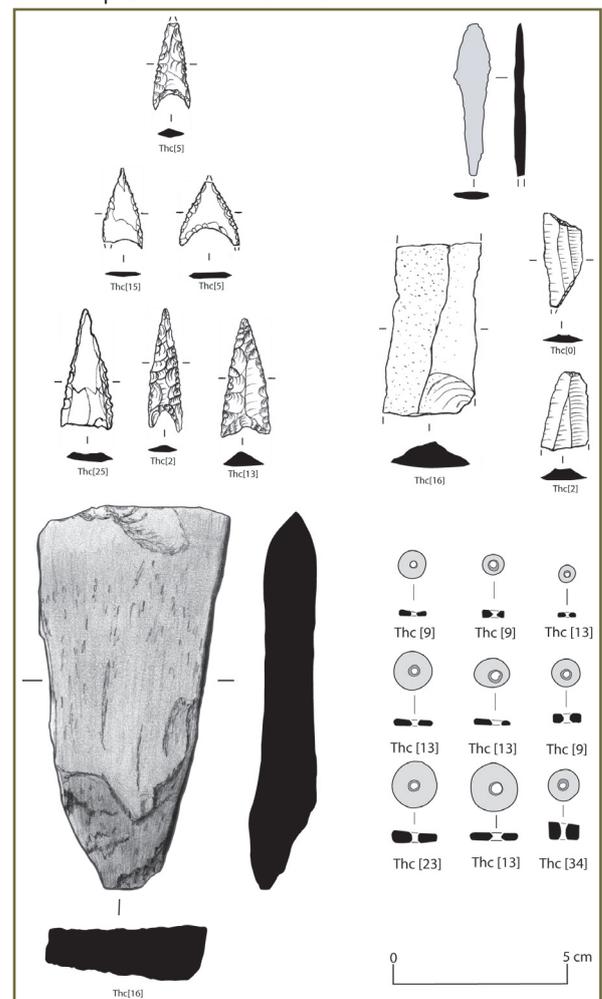


Fig. 9 – Conjunto de artefactos líticos e metálico recolhidos na câmara do monumento do Caladinho

A indústria lítica talhada era escassa, sendo composta maioritariamente por pontas de seta, de tipologia diversa, mas de reduzidas dimensões, sendo de destacar a presença de apenas um trapézio, um triângulo e duas lâminas de sílex (v. Fig. 9). Será relativamente interessante realçar a presença de restos de debitage de xisto jaspóide, mas principalmente de sílex que, apesar de escassos, revelam a existência daquela actividade num contexto funerário, quando está pouco documentada no único povoado escavado em extensão na região mais imediata, o São Pedro, a escassos três quilómetros. Os líticos polidos resumem-se a apenas um machado, recolhido na câmara e um outro no corredor, para além de escassas esquirolas dos mesmos.

pertinente analisar os vestígios desta presença da Idade do Bronze atendendo às evidências documentadas na câmara, por um lado, e às verificadas na zona do corredor, por outro. Assim, no espaço da câmara recolheram-se algumas evidências integráveis na Idade do Bronze, embaladas, todavia, em níveis estratigráficos de escassa fiabilidade. A este conjunto correspondem vários fragmentos de uma mesma peça, eventualmente pertencentes a um “cuenco de borde entrante” bastante característico dos contextos do Bronze Antigo/Médio da área extremeña e de boa parte do Sudoeste (Pavón, 1998, p. 48; Hurtado e García Sanjuán, 1994, p. 248), de superfície polida/brunida e bordo biselado. Foi igualmente registada a presença de uma pequena peça carenada, com

pelos menos três conjuntos de dois apêndices mamilares, dispostos perpendicularmente ao bordo, com evidentes semelhanças numa peça recolhida na necrópole da Quitéria, na área de Sines (Silva; Soares, 1981, p.165), mas também em povoados do Neolítico Final, como é o caso de Juromenha 1, recentemente escavado por Manuel Calado (v. Fig. 11). Para além destes, recolheram-se outros fragmentos de cerâmica manual com as superfícies polidas/brunidas, bastante usuais na Idade do Bronze.

Ainda no interior da câmara identificou-se o único artefacto de metal, uma ponta de seta (v. Fig. 9), de pequena dimensão, com evidentes reminiscências das pontas de tipo “Palmela” mais evoluídas, mas já correspondente a uma outra realidade que também não pode ser atribuída às pontas tipo “Pragança”, dada a ausência das aletas e pedúnculo alongado. Esta apresenta evidentes semelhanças com duas outras recolhidas no povoado de Alange (Pavón, 1998, p. 70), parecendo realmente traduzir em menor escala tipos evolucionados das pontas tipo “Palmela”. Um exemplar, bastante

semelhante à ponta em questão, foi recolhido no povoado de El Argar, o que demonstra igualmente a grande difusão deste tipo de peças (Gomes, 1986, p. 82, nº 24). A ponta de seta recolhida no monumento do Caladinho pode-se, então, enquadrar genericamente dentro do tipo IIA (foliáceas com pedúnculo pequeno) da tipologia proposta por Kaiser (2003, p. 80) para as pontas de seta da Idade do Bronze peninsular. Estas apresentam, então, uma cronologia longa, abarcando grande parte do IIº milénio a.C.

À entrada do corredor, sobre uma aparente estrutura de clausura da câmara detectou-se a deposição de uma taça tipo “Atalaia” (v. Fig. 8, THC[46 e 48]).

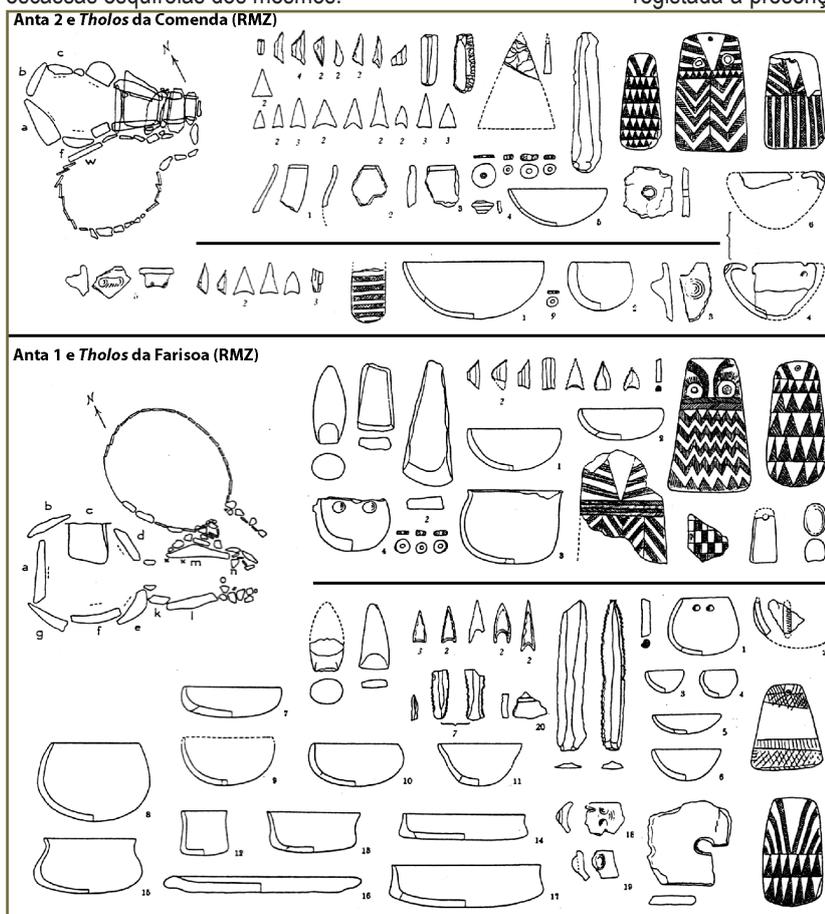


Fig. 10 – Plantas e conjuntos artefactuais dos monumentos da Comenda e da Farisoa

No global, os vestígios das oferendas funerárias ajustam-se bastante bem ao mais usualmente detectado neste tipo de tumulações do IIIº milénio na região que, atendendo ao conhecido em monumentos como os tholoi da Farisoa ou da Comenda, tão pouco são prolíficos nos conjuntos artefactuais (v. Fig. 10).

De registar, ainda, a relativa semelhança com os espólios das grandes antas, os quais, talvez pelas dimensões dos monumentos, são igualmente em maior número.

O monumento parece ter sido igualmente utilizado algumas centenas de anos mais tarde, provavelmente ainda durante a primeira metade do IIº milénio a.C.

A natureza desta utilização não é ainda segura. Julgamos

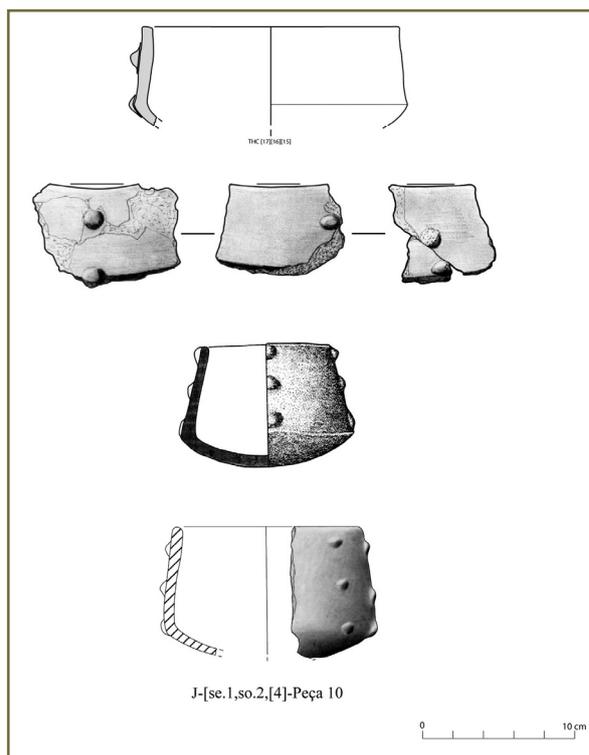


Fig. 11 – Taças/copos do Tholos do Caladinho (Redondo), Quitéria (Sines) (Silva e Soares, 1981) e Juromenha 1 (Alandroal) (Calado, Mataloto e Rocha, n. p.)

A ocupação correspondente ao tramo da entrada do corredor, apresenta características completamente distintas das anteriores. Ao invés do conjunto anterior, onde os recipientes cerâmicos surgem fracturados em conexão, ou com grande parte dos fragmentos dispersos por acções pós-deposicionais, neste caso, as cerâmicas surgem bastante mais fracturadas, para além dos acabamentos e da qualidade das pastas serem, numa apreciação macroscópica, bastante menores. Todavia, mantêm-se algumas com formas carenadas, não sendo todavia simples concretizar qual a natureza da ocupação de que poderia resultar este conjunto cerâmico. Assim, de um modo geral cremos que se pode enquadrar num momento não muito avançado do II^o milénio a.C., provavelmente antes dos seus meados, isto com todas as reservas impostas pela escassez de dados.

A natureza destas ocupações da Idade do Bronze parece resultar, então, ou de diferentes condições de preservação, ou distintas utilizações. Não cremos que estas leituras sejam contraditórias, na medida em que nada atesta a sincronia de ambas, ainda que existam indícios que possam valorizar um certo desfasamento, na justa medida em que a ocupação da câmara se processa em respeito com o monumento, enquanto a exterior poderá estar na origem do desmantelamento de parte do corredor, a qual poderá ter sido (ou não) propositada na justa medida em que os estratos desta fase cobrem com clareza os restos dos esteios do lado Norte. Relativamente a esta ocupação, julgamos relevante assinalar a documentação de vestígios de actividades ao longo da Idade do Bronze em frente do monumento 7 de Alcalar (Móran e Par-

reira, 2004, 112 e 119), aparentemente de cariz ritual, pelo que neste momento nada impede que tal tenha sucedido no monumento aqui em questão.

Por outro lado, as ocupações de monumentos megalíticos durante a Idade do Bronze para fins rituais e funerários estão cada vez melhor documentadas no Alto Alentejo (Oliveira, 1995), e no Alentejo Central (Rocha, 2005) sendo cada vez mais a regra do que a excepção (Mataloto, 2005). É sem grande dificuldade que, ao percorrermos o corpus publicado por G. e V. Leisner (1959) nos deparamos com exemplares de taças tipo “Atalaia” semelhantes às documentadas no monumento do Caladinho, tal como já H. Schubart havia referido (Schubart, 1971, p. 186).

Deste modo, não é com facilidade que abordamos a temática das ocupações/reocupações do monumento. Se por um lado não é, de todo, possível estabelecer um fio de continuidade entre os dois momentos, a prudência imposta pelos resultados extraordinários de STAM-3 (Gonçalves, 2003) determina que não se elimine totalmente uma utilização prolongada deste espaço entre o primeiro e o último dos momentos registados.

O prolongamento simbólico deste espaço encontra-se claramente associado à manutenção do sentido funerário do monumento denunciando, provavelmente, os fortes laços existentes entre as duas comunidades que geraram as ocupações aqui documentadas.

Como já tivemos ensejo de comentar (Mataloto, 2005; Mataloto, 2006) as utilizações dos antigos espaços megalíticos durante a Idade do Bronze pode ser lida de modo diverso. Todavia, a enorme interrogação introduzida neste discurso pelas já citadas tumulações tardias documentadas em STAM-3 impede uma aceitação simples e linear destas perspectivas (Mataloto, 2006).

Apenas uma aturada revisão dos dados disponíveis, e a recolha de nova informação, permitirá conceber novas leituras em torno das reocupações destes monumentos no contexto das comunidades do II^o milénio a.C., como aconteceu com o monumento do Caladinho.

6. Enquadramento regional e local

A primeira referência ao megalitismo do Redondo remonta a 1571, quando Frei Martinho de São Paulo relata a existência de duas antas, dentro da cerca do Convento de São Paulo (Serra d’ Ossa) que tinham sido destruídas contra a sua vontade (Calado e Mataloto, 2001).

Posteriormente, em 1877, Gabriel Pereira menciona novos monumentos megalíticos neste concelho, nomeadamente a anta da Candeeira que, no final do séc. XIX, foi um dos pólos da discussão sobre a funcionalidade das antas, devido ao orifício que possui no esteio de cabeceira.

O maior trabalho de inventariação destes monumentos coube, naturalmente, a G. Leisner e Vera Leisner, que nas décadas de 40 e 50 do séc. XX estruturaram aquele que é ainda hoje o maior *corpus* do megalitismo peninsular (Leisner,

1948, 1949; Leisner e Leisner, 1959).

Somente no contexto das prospecções efectuadas com vista à elaboração da Carta Arqueológica do Redondo, volvidos mais de 40 anos sobre o trabalho do casal alemão, se voltou a dispor de um importante manancial de nova informação (Calado e Mataloto, 2001). Foi então neste âmbito que se vieram a identificar e rever mais de duas dezenas de novos monumentos megalíticos, alguns dos quais conhecidos de há muito por grupos locais ligados à defesa do património. Após a conclusão destes trabalhos foram já referenciados mais quatro novos monumentos, o que deixa bastante claro o muito que ainda há para conhecer do megalitismo da margem Sul da serra d'Ossa.

No total, o conjunto dos monumentos funerários do concelho do Redondo ascende já a cerca de meia centena, que se dispersa principalmente pelo amplo patamar que antecede as elevações da serra d'Ossa, principalmente na envolvente da aldeia do Freixo, a cerca de uma dezena de quilómetros a Poente do Redondo (v. Fig. 12).

Se o conjunto megalítico se estrutura principalmente ao lon-

go do patamar que antecede a serra, ele próprio um território de transição, quer para a serra, quer para as realidades estruturadas mais a Poente, julgamos relevante observar que o monumento do Caladinho se insere num pequeno conjunto de seis, quatro antas e dois possíveis tholoi, dispostos ao longo da margem Poente da crista do Redondo, principalmente relacionados com as diferentes portelas que se abrem ao longo da extensa crista rochosa (v. Fig. 12). Esta distribuição, registada, é certo, na envolvente dos dois povoados calcolíticos aí conhecidos, Caladinho a Norte, e Vinha a Sul, poderá acabar por evidenciar uma estruturação simbólica do território, implantando junto de áreas de passagem e transição os monumentos aos antepassados, como marca identitária de um grupo e um território estruturado em torno da planície central do Redondo.

Julgamos igualmente importante assinalar a relativa proximidade do monumento do Caladinho com o já mencionado povoado homónimo, genericamente enquadrável nos meados do III^o milénio a.C., do qual poderia, efectivamente, constituir um dos espaços funerários, tal como acontece com a anta

das Fontanas, localizada a cerca de 500m para Norte do povoado. O megalitismo do Redondo apresenta, à semelhança do que sucede na área adjacente de Reguengos de Monsaraz, características aparentemente tardias, principalmente dentro do 3^o milénio a.C. De facto, apesar das prospecções que se têm vindo a realizar nos últimos anos, continua a subsistir uma ausência das pequenas sepulturas megalíticas, num conjunto dominado pelas antas de câmara poligonal e corredor, de dimensões variadas e, pelo menos um possível tholoi.

A presença isolada de um monumento deste género é, por outro lado, um fenómeno relativamente escasso no Alentejo Central. Em Reguengos de Monsaraz, o casal Leisner identificou e escavou dois tholoi anexos às antas da Comenda e da Farisoa; Victor S. Gonçalves escavou posteriormente Cebolinhos 2 e o conjunto monumental do Olival da Pega 2, que provocou a segunda "revolução dos tholoi" de Reguengos: agregados à estrutura da anta, foram construídos não apenas um, mas três sepulcros de falsa cúpula, de três tipos distintos: OP-2b, com a câmara forrada por grandes lajes de xisto, OP-2d corresponde a

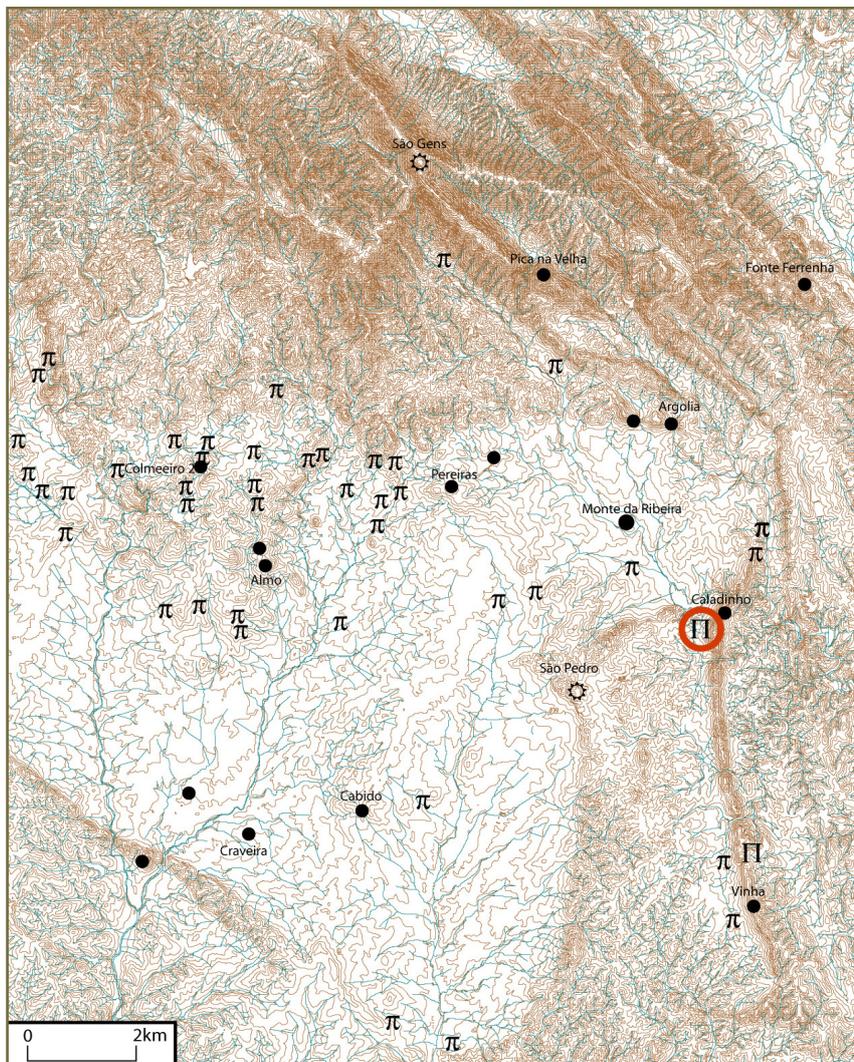


Fig. 12 – Distribuição dos monumentos megalíticos e principais povoados do IV^o/III^o milénio a.C. na margem Sul da serra d'Ossa.

um tholos “de tipo litoral” (Gonçalves, 1999, p. 96; Gonçalves e Sousa, 2000, p. 75-76), com a câmara de pedra seca, desde a base, e OP2e, correspondente a um tipo até agora desconhecido, que o escavador designa como “micro-tholos” (Gonçalves, 1999, p. 98) e admite tratar-se eventualmente de uma sepultura para crianças.

No povoado dos Perdígões foram identificados cerca de uma dezena de prováveis tholoi, na sua extremidade oriental, tendo sido escavados, até ao momento, apenas dois. De salientar a existência de várias fases de utilização destes sepulcros, inclusive durante o processo de ruína do monumento (sepulcro 1) (Valera et al., 2000). Em termos arquitectónicos os dois monumentos apresentam técnicas algo distintas: o sepulcro 1 é revestido com lajes de xisto, na câmara e corredor, e o segundo conjuga duas técnicas diferentes, tendo a câmara revestida lajes de xisto e o corredor constituído por 4 esteios de granodiorito.

O monumento do Caladinho pelo facto de se encontrar isolado, numa meia encosta com alguma visibilidade envolvente, assemelha-se, na implantação, principalmente ao monumento escavado no Escoural (Montemor-o-Novo) (Santos, 1967) e ao provável tholos dos Ambrósios (Alandroal), situado escassos quilómetros a Sul (Calado, 1993).

Como julgamos ter ficado patente acima, os conjuntos artefactuais remetem, principalmente, para um contexto de continuidade ritual, com inovações, é certo, mas, aparentemente, sem rupturas face aos conjuntos anteriores.

Os objectos votivos encontrados nos tholoi e monumentos evolucionados afins, ou pelo menos, numa grande parte deles, seriam absolutamente normais num contexto dolménico; esta sobreposição poderá, eventualmente, ser explicada pela utilização em simultâneo de antas e tholoi, o que a datação relativamente antiga de OP-2b permite, certamente, sustentar (Gonçalves, 1999: 37).

No actual estado da investigação, não podemos elaborar grandes elucubrações ou tirar conclusões cronológicas com base na variabilidade das arquitecturas dado que, como foi referido por V. Gonçalves, “as técnicas de implantações dos esteios das antas raras vezes permitem formas regulares” e se tem reiteradamente verificado “a presença de um mesmo tipo arquitectónico com conteúdos artefactuais de cronologias distintas” (Gonçalves e Sousa, 2003, p. 207).

No entanto, as diferenças constatadas na relação espólio/arquitecturas parecem ficar a dever-se, de um modo geral no Alentejo Central, a diferenças cronológicas, com um abandono progressivo dos pequenos sepulcros (individuais ou monofamiliares) e a passagem para os grandes monumentos, de uso colectivo, constituindo os monumentos de falsa cúpula e afins o epílogo deste fenómeno (Rocha, 2005). Todavia, ainda que a Idade do Bronze seja caracterizada, em grande parte do Sul peninsular, pelas tumulações individuais, no espaço centro alentejano a reutilização quase sistemática de antigos conjuntos funerários assinala com clareza o forte sentido gregário que a Morte continua a exercer nestas comunidades; sentido gregário este igualmente patente nas necrópoles tumulares da Idade do Bronze do sudoeste pe-

ninsular.

Redondo/Évora, Janeiro de 2007

Bibliografia:

- CALADO, M. (1993) *Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal: Câmara Municipal.
- CALADO, M. (2002) Povoamento Pré e Proto-Histórico da margem direita do Guadiana. *Almadan*. Almada. IIª série. Nº 11, p. 122-127.
- CALADO, M.; MATALOTO, R. (2001) *Carta Arqueológica de Redondo*. Redondo: Câmara Municipal.
- CALADO, M.; MATALOTO, R.; ROCHA, A. (em preparação) *O povoamento pré-histórico da margem direita do Regolfo de Alqueva*.
- CORREIA, S. (2002) Intervenções de salvamento na área a afectar pelo regolfo de Alqueva – Blocos 4 e 7. *Al Madan*. Almada. IIª Série. Nº 11, p. 109-116.
- GARCIA SANJUAN, L. (1998) *La Traviesa. Ritual funerário y jerarquización social de una comunidad del Bronce de Sierra Morena Occidental*. Sevilla: Universidad de Sevilla.
- GARCIA SANJUAN, L. (1993) Registo funerário y relaciones sociales en el Bronce del SO: indicadores estadísticos preliminares. In: *Encuentro de Arqueología del Suroeste*. Huelva, p. 157-182.
- GOMES, M.; GOMES, R.; BEIRÃO, C.; MATOS, J.; CUNHA, A.; SILVA, C.; GIL, F.; GUERRA, M.; BARREIRA, G. (1986) – *A necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve) no contextoda idade do Bronze do sudoeste peninsular*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural. [Trabalhos de Arqueologia, 02].
- GOMES, M. (1994) - A necrópole de Alfaroibeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves. *Xelb*. Mem Martins: Câmara Municipal de Silves/Museu Municipal de Silves. Vol. 2.
- GONÇALVES, V.S. (1989b) - *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma perspectiva integrada*. Lisboa: INIC/UNIARQ.
- GONÇALVES, V.S. (1992) - *Revendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- GONÇALVES, V.S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: MNA.
- GONÇALVES, V.S. (2003) – *STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia [Trabalhos de Arqueologia, 32].
- GONÇALVES, V.S. (2003b) – *Sítios, «horizontes» e artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais. 2ª edição.
- GONÇALVES, V. S. (2003c) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 4. A «síndrome das placas loucas». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 131-157.
- GONÇALVES, V.S. (2003d) – *A Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz, Évora)*. As intervenções de 1996 e 1997 e duas datas de radiocarbono para a última utilização da Câmara ortostática. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 143-166.
- GONÇALVES, V.S. (2003e) - *Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz: os 4º e 3º milénios*. Ophiussa. Lisboa. 1.
- HURTADO, V.; GARCIA SANJUAN, L. (1994) La necrópolis de Guadajira (Badajoz) y la transición a la Edad del Bronce en la cuenca

- media del Guadiana. *Spal*. Sevilha. 3, p. 95-144.
- KAISER, J. (2003) Puntas de flecha de la Edad de Bronce en la península Ibérica. Producción, circulación y cronología. *Complutum*. Madrid. 14, p. 73-106.
- KALB, P. (1994) Reflexões sobre a utilização de necrópoles megalíticas na Idade do Bronze. In *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"*. Viseu, p. 415-426. [Actas do colóquio, Nov. 1992].
- LEISNER, G. e V. (1951) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH (reed. 1985).
- LEISNER, G. e V. (1955) - *Antas nas Herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança-Instituto para a Alta Cultura.
- LEISNER, G. e V. (1956) - *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen (1)*. Berlin: Walter de Gruyter.
- LEISNER, G. e V. (1959) - *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen (2)*. Berlin: Walter de Gruyter.
- MATALOTO, R. (2005) A propósito de um achado na Herdade das Casas (Redondo)- megalitismo e Idade do Bronze no Alto Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 8. nº 2, p. 115-128.
- MATALOTO, R. (2006) Entre Ferradeira e Montelavar: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles (Ervedal, Avis). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 9, nº 2, p.83-108.
- MORÁN, E.; PARREIRA, R. (2004) Alcalar 7. *Estudo e reabilitação de um monumento megalítico*. Lisboa: Ministério da Cultura/IPPAR (Cadernos 6).
- OLIVEIRA, J. (1995) *O Megalitismo da bacia hidrográfica do rio Sever*. Évora. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade de Évora (Policopiado).
- OLIVEIRA, J. (1998) A Anta da Joaninha e a da Era de Guardias (Cedillo-Cáceres) no ambiente megalítico da foz do rio Sever. *Ibn Maruán*. Marvão: Câmara Municipal de Marvão. Nº 8, p. 203-245.
- PARREIRA, R. (1995) Aspectos da Idade do Bronze do Alentejo Interior. In JORGE, S. *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: SEC/IPM/MNA, p. 131-134.
- PARREIRA, R. (1998) As arquiteturas como factor de construção da paisagem na Idade do Bronze do Alentejo interior. In, JORGE, S. (Ed.) *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. *Trabalhos de Arqueologia* nº 10, p. 267-273.
- PÁVON SOLDEVILA, I. (1998) *El Cerro del Castillo de Alange (Badajoz)*. *Intervenciones arqueológicas* (1993). Mérida. *Memórias de Arqueologia Extremeña* 1.
- SANTOS, M.F. (1967b) – A Necrópole tipo "Tholos" de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*, S. III, I, p. 107-113.
- SILVA, C.T.; SOARES, J. (1981) *Pré-História da Área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- SCHUBART, H. (1971) Tumbas megalíticas com enterramentos secundários de la Edad del Bronce de Colada del Monte Nuevo. *XII Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza, p. 175-189.
- SCHUBART, H. (1973) Tholos-Bauten von Colada de Monte Nuevo bei Olivenza. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 14, p. 11-42.
- SCHUBART, H. (1975) *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwestern der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter de Gruyter.
- SOARES, J. (2003) Os Hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo. *As economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do distrito de Setúbal/Assembleia distrital de Setúbal.
- SOARES, J.; SILVA, C.T. (1995) O Alentejo litoral no contexto da Idade do Bronze do sudoeste peninsular. In JORGE, S. *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: SEC/IPM/MNA, p. 136-139.
- SOARES, J.; SILVA, C.T. (2002) Capturar a mudança na Pré-História recente do Sul de Portugal. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: ADECAP. Vol. IV, p.213-224.
- SOUSA, A.C. (1999) *O Neolítico final e o Calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. *Trabalhos de Arqueologia*, 11.
- VALERA, A.; LAGO, M.; DUARTE, C.; EVANGELISTA (2000) Ambientes funerários no Complexo arqueológico dos Perdígões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo. *Era-Arqueologia*. Lisboa. Vol. 2, p. 84-105.